

CASA VERDE

Uma pequena África paulistana

 editora
LiberArs

Tadeu Kaçula

CASA VERDE

Uma pequena África paulistana

1ª edição

LiberArs
São Paulo – 2020

Casa Verde: uma pequena África paulistana
© 2019, Editora LiberArs Ltda.

Direitos de edição reservados à
Editora LiberArs Ltda

ISBN 978-85-9459-209-5

Editores

Fransmar Costa Lima
Lauro Fabiano de Souza Carvalho

Revisão técnica

Cesar Lima

Editoração e diagramação

Editora LiberArs
Nathalie Chiari

Capa

Elifas Andreato (imagem)
Fabio Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

K11c	Kaçula, Tadeu
	Casa Verde: uma pequena África paulistana / Tadeu Kaçula. - São Paulo, SP : Editora Liber Ars, 2020. 140 p. : il. ; 16cm x 23cm.
	Inclui bibliografia e índice. ISBN: 978-85-9459-209-5
	1. Cultura. 2. Antropologia. I. Título.
2020-4	CDD 301 CDU 572

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Todos os direitos reservados. A reprodução, ainda que parcial, por qualquer meio, das páginas que compõem este livro, para uso não individual, mesmo para fins didáticos, sem autorização escrita do editor, é ilícita e constitui uma contrafação danosa à cultura.
Foi feito o depósito legal.

Editora LiberArs Ltda
www.liberars.com.br
contato@liberars.com.br

AGRADECIMENTOS

Pesquisar sobre a presença física, simbólica e estrutural da população negra na zona norte da cidade de São Paulo para poder escrever esse livro foi uma tarefa prazerosa e importante para ampliar os nossos olhares sobre os territórios negros que ainda existem na maior cidade da América Latina.

Quando decidi fazer o recorte no bairro da Casa Verde tive a felicidade de descobrir muito sobre a minha própria história e isso só foi possível por conta das dezenas de pessoas entrevistadas, das famílias que me receberam em suas casas, dos compartilhamentos de fotos e documentos que fundamentam este estudo e das importantes digitais que contribuíram para criar uma referência peculiar sobre a presença negra na zona norte de São Paulo.

Início aqui uma sequência de agradecimentos começando pela minha mãe Yemanjá e ao meu pai Ogum que orientam e protegem o meu Ori. Agradeço a cada Mestre, a cada Mestra, a cada Griô, a cada família, amigos e amigas que me ajudaram na pesquisa e conclusão deste trabalho.

Meus agradecimentos especiais são para os meus ancestrais que criaram estratégias de sobrevivência para me trazerem até aqui, aos meus pais José Roberto Matheus e Maria José Firmino Matheus, meus irmãos Tânia Regina Matheus, Paulo Roberto Matheus (in memória), Ana Maria Matheus, Eliana Aparecida Matheus (in memória), André Luiz Matheus (in memória), Lucia Helena Matheus, Carlos Alberto Matheus e Patrícia Aparecida Matheus (in memória). Aos meus filhos, sobrinhos, familiares e toda negritude da zona norte e de todos os Quilombos urbanos da cidade de São Paulo.

“minha ancestralidade vibra comigo”

Tadeu Kaçula

SUMÁRIO

Prefácio

Eu sou, tu és e nós somos Casa Verde!

Juarez Tadeu de Paula Xavier..... 9

Apresentação

A Casa Verde De Tadeu Kaçula

Bruno Sanches Baronetti 13

Introdução..... 17

O Início..... 21

Os Primeiros Negros 27

Surge um Novo Bairro..... 33

Manifestações Culturais 37

na Casa Verde 37

Personalidades do Bairro 41

da Casa Verde 41

A Origem do Samba na Casa Verde..... 59

O Primeiro Mestre-Sala do Carnaval Paulistano 68

Mocidade Alegre..... 71

Malandro não cagueta..... 73

Ideval e Zelão 76

Morro da Casa Verde 79

Os Sambistas 91

Um compositor..... 95

Um Time..... 103

Referências Bibliográficas 137

PREFÁCIO

EU SOU, TU ÉS E NÓS SOMOS CASA VERDE!

JUAREZ TADEU DE PAULA XAVIER¹

O livro “Casa Verde: uma pequena África paulistana”, de autoria do sociólogo, pesquisador, agitador cultural, formulador de políticas públicas, militante antirracista, compositor e cantor Tadeu Kaçula, aborda uma das contradições mais extraordinárias da vida da população afrodescendente no país: o enfrentamento entre as políticas econômicas e sociais de exclusão das raízes africanas, físicas e culturais, planejada pela emergente burguesia nacional, subsidiária da grande burguesia internacional, e as ações políticas das organizações negras, no sentido mais amplo da expressão, que resistiram às violências tangíveis e intangíveis, e edificaram, mas mais absoluta adversidade, comunidades que reproduzem profundos elementos de ascendências africanas.

O ponto de inflexão dessa disputa deu-se no período entre o final do século 19 e o início do século 20, foco de atenção da obra, nas principais cidades brasileiras: Rio de Janeiro, Salvador, Recife, S. Luiz do Maranhão e, sem dúvida alguma, na cidade de São Paulo.

Baseada nas teorias de superioridade racial, elaboradas nas “escolas europeias”, essas políticas visavam erradicar a presença negra dos espaços urbanos, mas, pelo contrário, estimularam a rearticulação dos universos de matrizes africanas, em todas essas cidades, com a mobilização das memórias coletivas das diversas civilizações negras que ancoraram no país, com profundas marcas de religiosidade, corporeidade, ludicidade e princípios éticos

¹ Docente da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

e morais – deontológicos - que são os alicerces das “pequenas Áfricas” que se disseminaram de forma ampliada pelo país, na forma das rodas sagradas –candomblé, capoeira e samba-, que caracterizam a resistência cultural afro-brasileira, no passado e no presente.

As classes dominantes brasileiras acalentavam um projeto “civilizatório”, iniciado com a chegada na família real portuguesa ao país, fugindo das tropas militares napoleônicas, que invadiram Portugal. A construção desse projeto demandou a formação de dois aparelhos de repressão de controle da população negra, para “disciplinar” seus corpos e suas mentes, e rompeu as fronteiras do tempo, persistindo na atualidade: o estado repressivo – um dos mais cruéis entre os países de economias similares à brasileira - e o dispositivo cultural e ideológico – um dos mais eficientes das Américas. Ambos serviram ao projeto estratégico da burguesia nacional - que nasceu no útero da escravidão -, que concentra em um pequeno núcleo de pessoas os capitais econômicos, culturais, sociais e políticos, e segrega a maior parte da população pobre e preta, em sua absoluta maioria, nas franjas sociais da miséria cotidiana.

O antropólogo João Batista de Lacerda, em 1911 no Congresso Universal de Raças, realizado em Londres, expressou de modo límpido o plano estratégico: eliminar a presença física e cultural da população negra no prazo de cem anos, até 2011.

Em linhas gerais, diferente do processo de encarceramento da população negra nos Estados Unidos, para impedir o “colapso” da economia sulista, e subtrair os direitos dos afro-americanos, no período pós-guerra civil, formando o complexo industrial-penitenciário, no Brasil, o processo foi de *genocídio*, *etnocídio* e *epistemicídio*. As metas eram a redução da população negra, desarticulação das suas esferas culturais e eliminação dos saberes e conhecimentos africanos remanescentes.

O objetivo perseguido com paixão pelos racistas brasileiros era o branqueamento – na marra - da população nacional.

Os índices de morbidade de negras e negros entre os anos de 1850 e 1888 foram os mais altos registrados no período da escravização, de mulheres, crianças e homens afrodescendentes. Estudos estimam que a “vida produtiva” dessa população reduziu-se para sete anos. O ingresso de imigrantes do sul do continente europeu – os menos desejados pelos “importadores de carne branca”, que preferiam os do norte - teve a função de, segundo Darcy Ribeiro [“O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”], embranque-

cer a população, com a “diluição do sangue negro”, pela via da miscigenação, já que a cultura do estupro da mulher negra e indígena, inaugurada pelos europeus, não dera conta nos período anterior, da “nobre missão civilizatória dos povos bárbaros”.

Era necessário desarticular, desmobilizar e impedir a reorganização dos universos simbólicos e culturais dos povos negros no país!

A repressão ao samba foi uma das formas centrais desse processo.

O exemplo da “higienização” dos centros urbanos em Paris [levado a cabo pelo barão Georges-Eugène Haussmann, entre 1852 e 1870] serviu de padrão para o redesenho das cidades brasileiras. No Rio de Janeiro, a população pobre e preta foi empurrada para os morros, com a criação dos aterros do Flamengo e Botafogo. Em São Paulo, essa população foi empurrada para a periferia da periferia, na época, e para depois das linhas traçadas pelos rios, Pinheiros, Guarapiranga, Ipiranga e Aricanduva. No lado norte, depois do Rio Tietê.

Essa faixa de terra foi aos poucos se enegrecendo. Vieram às pessoas e nas suas bagagens suas culturas e hábitos culturais: os times de futebol, os bailes dançantes, as rodas e as escolas de samba. Esses arranjos culturais se conformaram e conformaram os bairros. Criaram corredores de conexões entre os diversos arranjos locais e regionais, seguindo as avenidas abertas, e terreiros [afrodescendentes com matrizes africanas e afro-brasileiros com matrizes nacionais], em todos os cantos do “lado Norte”. No passado, a ausência do serviço público de saúde irrigou a rede de benzedadeiras, rezadeiras e dos “postos avançados de atenção à saúde pública de pretos e pobres”, os terreiros de umbanda e quimbanda.

Aos poucos, como registra T. Kaçula, a Casa Verde foi se transformando num pedaço de articulação cultural negro, no corpo e na alma – territorialidade africana-, numa pequena África.

O papel desse território preto –reserva civilizatória da matriz africana na cidade, conectado a outras reservas, espalhadas pela metrópole- foi decisivo na contribuição e reinvenção da negritude, com os ecos de fundo da experiência da Frente Negra Brasileira [FNB].

Deu-se o estalo. A periferia da cidade que deveria ser a “lata de lixo” - onde seria carbonizados os corpos e as almas negras, pela confluência das violências -, insurgiu como a “folha-de-flandres do luxo”, da fina flor da cultura negra.

O belo texto de T. Kaçula – eivado de reflexão sociológica, de sabedoria oral “malandreada” da periferia e do calibre poético do samba - percorre essa trajetória, plena de obstáculos, contradições, superações e reinvenções.

Para “os nacionais” que são a “expressão do privilégio”, segundo a neo-historiadora Bolaji Alves [branco, urbano, escolarizado, patrimonialista e protofascista], a Casa Verde corre o risco de ser carimbada com o selo de “túmulo da cultura”, pelo vazio de indicadores de equipamentos da cultura institucionalizada: grandes teatros, grandes museus e salas de audições.

Mas, para os pobres e pretos que lá nasceram, cresceram e sobreviveram as violências físicas e simbólicas [e ainda ousaram produzir cultura da melhor qualidade], a região (...) “é o bairro em que vivo/onde eu sempre vivi/é a CASA VERDE querida/pedaço onde eu nasci”, e recriei um naco do continente mãe: a Casa Verde, minha pequena África, como cantaram Zé Paulo, Ezequiel e Mestre Paulo, embaixadores originários e originais desse território negro cravado no “lado norte” da cidade de São Paulo.

APRESENTAÇÃO

A CASA VERDE DE TADEU KAÇULA

BRUNO SANCHES BARONETTI²

Silêncio,
é madrugada.
No morro da casa verde
A raça dorme em paz
E lá embaixo
Meus colegas de maloca
Quando começa a sambá não pára mais
Silêncio!
Valdir, vai buscar o tambor
Laércio, traz o agogô
Que o samba na casa verde enfezou!

Adoniran Barbosa

Foi com grande alegria e imenso orgulho que recebi de Tadeu Kaçula o convite para escrever uma apresentação de seu primeiro livro publicado, *Casa Verde Uma Pequena África Paulistana*. Ao realizar a tarefa de escrever este texto para um mestre do samba paulistano me senti como se Alex Dias, esforçado atacante do Vasco nos 2000 recebesse de seu então parceiro Romário a tarefa de apresentá-lo.

Tadeu Kaçula está no caminho para se tornar um grande baluarte do samba. Falta-lhe apenas idade, pois seus feitos para a preservação da memó-

² Historiador e pesquisador da cultura popular brasileira. Mestre e doutorando pela Universidade de São Paulo

ria, práticas e saberes do samba paulistano já são muito importantes. Kaçula é de uma grande generosidade com novos sambistas e pesquisadores que o procuram a todo tempo e ele sem nenhuma vaidade pacientemente compartilha o que sabe com todos. E agora chegou a hora de compartilhar conosco o conhecimento que ele tem sobre a sua própria casa.

Criado nas rodas de samba da Casa Verde e Barra Funda onde conviveu com os grandes mestres da geração de fundadores de escolas de samba tornou-se um artista completo (cantor, compositor, produtor, diretor musical e arranjador) e um pesquisador que analisa a história a contrapelo, como nos ensina Walter Benjamin, ao descrever em seu livro a importância dos negros e pobres em uma cidade que a todo tempo tenta torná-los invisíveis em sua narrativa oficial.

Kaçula decidiu levar sua *práxis* como sambista, militante político do movimento negro e pesquisador empírico para a academia - e esta ganhou um sociólogo de primeira linha, que publica uma obra fundamental para compreensão das relações sociais e raciais na cidade de São Paulo. Não espere em *Casa Verde uma pequena África Paulistana* apenas um livro da história de um bairro paulistano, com sua fundação, crescimento populacional e construções. Isso está na obra, mas ela vai muito além. O que Tadeu Kaçula faz é uma história social do negro na Zona Norte de São Paulo através de seus principais personagens e instituições criadas e mantidas por eles como escolas de samba, clubes de futebol, blocos, terreiros, irmandades e festividades.

À primeira vista a Casa Verde pode parecer um bairro com poucas atividades culturais e artísticas. Há poucos equipamentos públicos de cultura e lazer, não há salas de cinema ou teatro. Como os bairros de Madureira no Rio de Janeiro e Liberdade em Salvador é justamente a sociabilidade negra que ao longo de mais de seis décadas produz na Casa Verde um vibrante caldo cultural importantíssimo para seus moradores e para toda a cidade.

A Casa Verde começa a ocupar este papel de “pequena África paulistana” a partir da década de 1930 e de maneira mais intensa a partir das décadas de 1940 e 1950, quando ocorre a desagregação dos três territórios negros tradicionais da cidade: Barra Funda, Bixiga e Baixada do Glicério, na região da Rua Lavapés. Esses “territórios negros” tinham características geográficas de locais alagadiços, “de baixada”, ou de encostas íngremes com topo-

grafia irregular, o que propiciava o oferecimento de moradias a baixo custo³. Eram bairros distintos, mas com características sociais próximas: bairros operários da capital, com grande concentração de afrodescendentes e imigrantes. Eles tinham em comum o fato de se encontrarem próximos ao centro urbano e comercial da cidade. Além disso, havia bairros ricos nas suas proximidades, possibilitando empregos domésticos e prestação de serviços aos segmentos negros. Foram nesses locais que surgiram os primeiros cordões carnavalescos e escolas de samba.

Mesmo com características “de baixada” esses bairros a partir da década de 1940 foram sofrendo com a especulação imobiliária, com a alta de aluguéis, aumento do preço de materiais de construção e falta de terrenos para construção de novas moradias. Em 1942, o então ditador Getúlio Vargas assinou a Lei do Inquilinato, que congelou o valor dos alugueis por dois anos e dificultou os despejos, mesmo de inadimplentes. Para reaver o imóvel o proprietário precisava provar que necessitava morar nele. À medida que prometia defender os inquilinos mais pobres teve efeito oposto: como reduziu o retorno financeiro, os proprietários preferiam deixar seus imóveis fechados a alugá-los e a oferta de alugueis diminuiu e o preço aumentou vertiginosamente em 1945. Como em outros congelamentos de preços feitos pelo governo no país, o produto congelado pela especulação “desapareceu das prateleiras”.

Para conseguirem liquidez, os proprietários passaram a construir para vender. Do lado dos inquilinos, a oferta de unidades para locação encolheu, e obviamente que os integrantes dos cordões carnavalescos não tinham economias suficientes para comprar ou até mesmo alugar na região central da cidade, o que levou famílias negras a adquirirem um lote barato nas periferias ou invadir áreas afastadas às margens de rios e córregos e construir com as próprias mãos.

Muitos então procuraram comprar sua moradia em loteamentos recém-abertos nas periferias da cidade, que seguiam o curso dos rios Tietê, Pinheiros, Tamanduateí e Aricanduva. Com isso a população negra da cidade e também de migrantes do interior foram se fixando na Casa Verde, sobretudo no Parque Peruche e depois Vila Brasilândia, Vila Formosa, Cruz das Almas, Vila Matilde, Itaquera e Bosque da Saúde. A integração do grupo sig-

³ O historiador Amaílton Magno Azevedo denomina esses territórios como as micro-áfricas em São Paulo. VER: AZEVEDO, Amaílton Magno. *Sambas, quintais e arranha-céus: as micro-áfricas em São Paulo*. São Paulo: Olho d'Água, 2016.

nificava também uma redefinição de seu território – era preciso sair logo dos cômodos e porões para um novo território negro, constituído por casas próprias unifamiliares. O movimento de periferização da comunidade negra começou a ocorrer em um momento em que parte desta se integrava – econômica, cultural e territorialmente – à vida de uma cidade onde a habitação popular também se periferizava. Em um espaço de duas décadas (1940 e 1950), os territórios negros agora se multiplicavam em um desenho mais rarefeito, espreado pelas várias regiões da cidade.

Como mostra Tadeu Kaçula em sua obra, dos novos desenhos urbanos da cidade, um novo núcleo se formou na região da Casa Verde e foi responsável por tornar a Zona Norte a região com a maior concentração de escolas de samba na cidade.

Ao escutar o famoso samba *Meu Lugar*, de Arlindo Cruz, temos vontade de percorrer a Intendente Magalhães, a Ministro Edgard Romero e chegar no Mercado de Madureira. Ir assistir a uma partida do Madureira Esporte Clube na Rua Conselheiro Galvão e depois ir a um ensaio da Portela, da Império Serrano ou acompanhar o jongo na Serrinha. Também nos sentimos assim ao ler *Casa Verde Uma Pequena África*. Queremos logo chegar na Zona Norte para andar pela rua Zilda, tomar um café com seu Carlão do Peruche na Le Pan, ir até a rua Galileia durante as festividades de São Benedito, jogar uma partida de futebol de várzea no Cruz da Esperança, participar do afoxé Filhos de Dadá, comer uma boa comida nordestina na praça Edu Chaves, assistir a um ensaio da Mocidade Alegre, Unidos do Peruche, Morro da Casa Verde, Império de Casa Verde ou Rosas de Ouro e se for carnaval desfilar em alguma dessas escolas no Sambódromo do Anhembi, além de muitas outras atividades que só lendo o livro para saber, pois, como diria o mestre Hélio Bagunça, *malandro não caqueta!*

INTRODUÇÃO

A Casa Verde, um dos bairros mais importantes e tradicionais da cidade de São Paulo, tem uma rica e importante história de contribuições para a formação geográfica e cultural da zona norte da capital.

O bairro da Casa Verde foi, no início do século XX, um dos principais destinos para os negros que haviam sido desalojados do processo de desenvolvimento urbano e social na região central de São Paulo. Nesse período, a elite paulistana estava se organizando social e economicamente nas regiões mais privilegiadas da cidade e, com isso, havia um significativo aumento na procura por terras e imóveis ocasionando um avanço na especulação imobiliária que inflacionava os valores desses imóveis. Com essa supervalorização, a população de baixa renda foi obrigada a se deslocar para as regiões mais ermas e distantes do centro e, com isso, as famílias negras foram as mais prejudicadas, chega em altíssima quantidade aos bairros da Casa Verde, Vila Nova Cachoeirinha, Limão, Freguesia do Ó e Vila Brasilândia. É notório que nas demais regiões da cidade seja nas zonas sul, leste ou oeste há uma presença significativa da população negra, que também migrou para essas regiões, sobretudo as consideradas periféricas, como os bairros de Capão Redondo, Jabaquara, Vila Matilde, Itaquera, entre outros que também receberam esse processo migratório. Entretanto, o fator quantitativo levou-me a analisar a importância da formação da identidade social e cultural do bairro da Casa Verde e adjacências e como esse fator impacta naquilo que Émile Durkheim (1858–1917) define como “fato social”, dado que as manifestações “sambísticas” e carnavalescas concentradas nessa região interferem diretamente nas vidas das pessoas, especialmente no período do Carnaval. Além disso, a região da Casa Verde tem um histórico significativo no segmento do esporte. Alguns dos principais atletas do país são oriundos da Casa Verde, como verão durante a leitura deste texto, onde destaco a trajetória do bicampeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva, o jogador Ser-

ginho Chulapa, o boxeador Éder Jofre, entre outros que fizeram história no esporte brasileiro.

Este trabalho de pesquisa não pretende colocar a região da Casa Verde como uma zona isolada das demais regiões importantes no tocante à valorização da presença negra não apenas nas regiões periféricas da cidade de São Paulo, mas também em todo o Estado nem tampouco colocar as demais regiões periféricas da cidade e do Estado numa posição de antagonismo no tocante à sua importância étnica e sociocultural. O que se pretende compreender neste trabalho é a forma de organização étnico-social de uma parte da população paulistana que não havia sido contemplada no plano diretor que definiu o lugar social das diferentes classes que habitavam o centro da capital naquele período.

Este livro não pretende mostrar um censo da população negra na região da Casa Verde nem tampouco mapear todos os negros e negras que habitam o bairro e suas imediações, mas, sim, de maneira simples e direta, tenta tratar das questões que evidenciam a importante colaboração dos afrodescendentes que residiam na Casa Verde para a formação de uma identidade étnico-cultural de uma das mais importantes regiões da maior cidade da América Latina.

Durante minha pesquisa entrevistei importantes referências da nossa cultura que moram na região da Casa Verde, como Seu Carlão do Peruche, Seu João Cândido, Manezinho Mestre Sala, entre outros, para compreender o que representava morar numa região cuja pluralidade de expressões oriundas dos povos bantos trouxe riquezas culturais importantes durante o processo de desenvolvimento econômico do país e, por sua vez, aqui no Estado de São Paulo, após o declínio cafeeiro no século XIX.

Contudo, *Casa Verde — Uma Pequena África Paulistana* propõe uma reflexão sobre os impactos que a especulação imobiliária e os planos diretores realizados ao longo das primeiras décadas do século XX tiveram em relação ao fator étnico-social dos principais bairros da região central da cidade de São Paulo, como Liberdade, Bela Vista, Barra Funda, entre outros, provocando um processo migratório para as regiões mais ermas e distantes do centro. Neste sentido, a zona norte foi uma das regiões privilegiadas com a migração de uma grande gama da população negra, que trouxe consigo uma vasta e representativa herança cultural que se espalha por toda a região, tendo como marco inicial a pequena África da região, o bairro da Casa Verde.

Casa Verde Querida

*“Esse é o bairro em que vivo
onde eu sempre vivi
é a Casa Verde querida
pedaço onde eu nasci...”*

(Trecho da música “Casa Verde Querida” de 1979 de autoria dos sambistas e compositores “casaverdenses” José Paulo, Ezequiel e Mestre Paulo, denotando todo o amor e satisfação de morar em um dos bairros mais importantes de São Paulo)

